



## **Incidência do uso de psicotrópicos em estudantes de medicina de uma faculdade no interior de São Paulo**

Incidence of psychotropic medicines use among medical students at a university in the interior of São Paulo

Incidencia del uso de psicotrópicos en estudiantes de médica de una universidad del interior de São Paulo

Giovana Ribeiro de Melo Afonso<sup>1</sup>, Caroline Lourenço de Almeida<sup>1</sup>, Daniel Augusto Da Silva<sup>1</sup>, Aline Mayumi Yamada Rocha<sup>1</sup>, Pedro Henrique Maia Cardoso<sup>1</sup>, Mariane Isadora Camargo<sup>1</sup>, Victoria Sayuri de Souza Tahara<sup>1</sup>, Perséphone Bittencourt Peres Rafacho<sup>1</sup>, Isabelle Eduarda de Lima<sup>1</sup>, Luisa Silveira Campanharo<sup>1</sup>.

---

### **RESUMO**

**Objetivo:** Quantificar e qualificar a diferença no uso de drogas psicoativas entre os estudantes de medicina de uma faculdade do interior de São Paulo. **Métodos:** Tratou-se de um estudo qualitativo e quantitativo do tipo exploratório descritivo com uma amostra de 100 estudantes respondentes do curso de medicina. O instrumento de coleta foi um formulário feito pela pesquisadora na plataforma Google Forms. A análise dos dados ocorreu por meio da inserção e da análise das respostas no programa MS Excel (Windows®). **Resultados:** A maior parte dos participantes alegou fazer uso de psicotrópicos, principalmente antidepressivos, seguidos de anfetaminas e ansiolíticos. Desses, os principais motivos que levaram ao uso foram ansiedade, depressão e estresse. Notou-se, também, um sentimento de dependência da medicação com sintomas emocionais desencadeados pela falta do medicamento. **Conclusão:** As informações coletadas indicam que os distúrbios psiquiátricos são comuns no ambiente universitário de medicina, e é fundamental que essa questão seja considerada.

**Palavras-chave:** Medicamento psicoativo, Medicamento psicotrópico, Estudantes, Ensino superior, Faculdade de medicina.

---

### **ABSTRACT**

**Objective:** Quantify and qualify the difference in the use of psychoactive drugs among students of the medical course at a college in the interior of São Paulo. **Methods:** This was a qualitative and quantitative descriptive exploratory study with a sample of 100 medical students. The collection instrument was a form created by the researcher on the Google Forms platform. The data was analyzed by entering and analyzing the answers in the MS Excel program (Windows®). **Results:** Most of the participants claimed to use psychotropic drugs, mainly antidepressants, followed by amphetamines and anxiolytics. Of these, the main reasons for their use were anxiety, depression and stress. A feeling of dependence on medication was also

---

<sup>1</sup> Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), Assis - SP.

noted, with emotional symptoms triggered by the lack of medication. **Conclusion:** The information collected indicates that psychiatric disorders are common in the medical school environment, and it is essential that this issue be considered.

**Keywords:** Psychoactive medication, Psychotropic medication, Students, Higher education, Medical school.

## RESUMEN

**Objetivo:** Cuantificar y calificar la diferencia en el uso de drogas psicoactivas entre estudiantes de medicina de una facultad del interior de São Paulo. **Métodos:** Se trata de un estudio exploratorio descriptivo cualitativo y cuantitativo con una muestra de 100 estudiantes de medicina. El instrumento de recolección fue un formulario creado por la investigadora en la plataforma Google Forms. El análisis de los datos ocurrió por la inserción e investigación de las respuestas en MS Excel (Windows®). **Resultados:** La mayoría de los participantes afirmó consumir psicofármacos, sobretudo antidepressivos, seguidos de anfetaminas y ansiolíticos. De éstos, los principales motivos de su consumo eran la ansiedad, la depresión y el estrés. También se observó un sentimiento de dependencia de la medicación, con síntomas emocionales desencadenados por la falta de medicación. **Conclusión:** La información recopilada indica que los trastornos psiquiátricos son comunes en el ámbito de las escuelas de medicina, siendo fundamental que se considere esta temática.

**Palabras clave:** Medicamentos psicoactivos, Medicamentos psicotrópicos, Estudiantes, Enseñanza superior, Facultad de Medicina.

## INTRODUÇÃO

A saúde mental de adultos jovens é uma questão de grande relevância, sendo a depressão um dos transtornos mentais mais frequentes nessa fase da vida. Estima-se que entre 15% e 25% das pessoas vivenciem pelo menos uma crise depressiva ao longo da vida, com o primeiro episódio ocorrendo, na maioria dos casos, antes dos 18 anos de idade (BARBOSA LNF, et al., 2020).

Com isso, o consumo de substâncias psicoativas tem aumentado entre os jovens, elevando a exposição a riscos relacionados à atividade sexual, à violência e à mortalidade por causas que poderiam ser prevenidas (BRITO E, et al., 2021). Esse aumento repercute no meio universitário em que há uma relação direta de suas vivências universitárias com o uso de drogas, que ocorre desde o ingresso na universidade tendo em vista que estudantes universitários são frequentemente classificados como um grupo de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais, incluindo a depressão (BARBOSA LNF, et al., 2020). Com isso, há um aumento no consumo de drogas que possam minimizar o sofrimento mental.

Droga é qualquer substância extrínseca ao organismo que tem a capacidade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, alterando seu funcionamento. As substâncias psicoativas, também conhecidas como drogas psicotrópicas, modificam o funcionamento do cérebro, e causam modificações no estado mental (no psiquismo). De acordo com a *American Psychiatric Association* (2023), as drogas podem ser classificadas como alucinógenos, opioides, sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos e estimulantes conforme os efeitos aparentes que causam no sistema nervoso central. O uso de substâncias psicoativas tem sido assunto de muitos estudos no Brasil, em razão da crescente preocupação com as práticas de consumo de drogas lícitas e ilícitas e suas influências econômicas, sociais e, principalmente, suas consequências na saúde da população. Outrossim, a investigação sobre o consumo de drogas psicoativas no Brasil é relevante devido à conexão negativa entre as políticas de drogas e a saúde pública (GOMES-MEDEIROS D, et al., 2019).

Alguns estudos mostram uma elevada prevalência de medicamentos psicoativos não sujeitos a receita médica, seja recreativa ou automedicação no Brasil (MADAINA MS, et al., 2020). Um dos mais utilizados é, principalmente do Cloridrato de Metilfenidato, composto estimulante do sistema nervoso central da classe das anfetaminas, usado para o tratamento do déficit de atenção e narcolepsia. Pesquisas apontam que uma

parte dos estudantes faz uso dessa substância com o objetivo de melhorar o desempenho cognitivo. Um estudo realizado com estudantes de medicina e odontologia no sul do Brasil revelou que 11,2% relataram o uso não prescrito de metilfenidato ou lisdexanfetamina com a finalidade de melhorar o desempenho acadêmico (HAAS GM, et al., 2019). Outra pesquisa, realizada em Brasília-DF com estudantes de medicina encontrou uma frequência de consumo do fármaco de 25,49% que revelam consumir metilfenidato sempre e 56,86% que exprimem notada evolução do rendimento acadêmico autodeclarado (TOLENTINO JEF e NETTO JPS, 2020).

Diversos fatores têm sido relacionados ao uso de substâncias psicoativas, incluindo gênero, orientação sexual, comportamentos específicos, renda, religiosidade, uso concomitante de múltiplas drogas, desempenho acadêmico e duração da permanência na faculdade (MADAINA MS, et al., 2020). Alguns estudos afirmam que acadêmicos de medicina, apesar do conhecimento científico sobre os mecanismos de ação e os efeitos das drogas psicoativas, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas na prevalência de uso e dependência em comparação com estudantes de outras graduações. Afirmam ainda, que esse comportamento parece ser temporário, relacionado ao estilo de vida dos acadêmicos, que tende a ser deixado para trás ao longo dos anos, após a conclusão do curso, quando alcançam uma posição profissional estável e de reconhecimento social (NASSAR YL, et al. 2020).

Estudos apontam que os estudantes que ingressam em faculdades de medicina geralmente apresentam um perfil caracterizado por competitividade, perfeccionismo, alta autoexigência e maior vulnerabilidade à depressão, devido à dificuldade em lidar com seus próprios fracassos (MELO, 2021 apud RAMOS AT, 2024). Assim, considera-se que o uso de medicamentos entre os estudantes é resultado de uma combinação de múltiplos fatores, incluindo aspectos genéticos, psicológicos, familiares, socioeconômicos e culturais (GOTARDO et al., 2022 apud RAMOS AT, 2024).

Desse modo, o presente estudo objetiva avaliar a diferença no uso de drogas psicoativas entre os alunos da primeira à décima segunda etapa (semestral) do curso de medicina de uma faculdade do interior paulista, identificando suas características: gênero, idade, estado civil e religião; os principais psicotrópicos em uso, se há prescrição médica, dose utilizada, as causas associadas ao uso, e se a pessoa se considera dependente da medicação e por quê.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e quantitativa do tipo exploratória descritiva, tendo como finalidade identificar quais medicações psicotrópicas são mais utilizadas pelos estudantes ativos de medicina da Fundação Educacional do município de Assis (FEMA) no ano de 2023.

O projeto desta pesquisa foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Fundação Educacional do Município de Assis e apresenta Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 66512222.5.0000.8547 e Número do Parecer: 6.231.855. Os estudantes que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receberam informações acerca dos objetivos, metodologia, bem como dos riscos e benefícios da pesquisa.

Para a coleta de dados, empregou-se um questionário estruturado desenvolvido pela pesquisadora com perguntas fechadas que coletaram informações sobre o estudante como nome, gênero, idade, naturalidade, cidade onde reside, estado civil, religião, etapa do curso de medicina, se possui filhos (e se sim, quantos) e se faz algum uso de psicotrópicos. As perguntas seguintes investigam quais são os principais psicotrópicos que a pessoa faz uso, se ela tem prescrição médica para eles, há quanto tempo ela faz uso desses medicamentos, qual é a dose utilizada e quais motivos o levaram ao uso desses psicotrópicos. Essa última pergunta abrange 10 doenças psiquiátricas mais comuns e possui, também, a opção "outros". Por fim, há a pergunta: "você se sente dependente da medicação?", caso a resposta seja "sim", segue-se para a última pergunta, a do "por quê?", cuja resposta é dissertativa.

O formulário foi enviado por e-mail para os 506 estudantes que cursam ativamente medicina na Fundação de Educação escolhida. Desses, 100 responderam à pesquisa.

## RESULTADOS

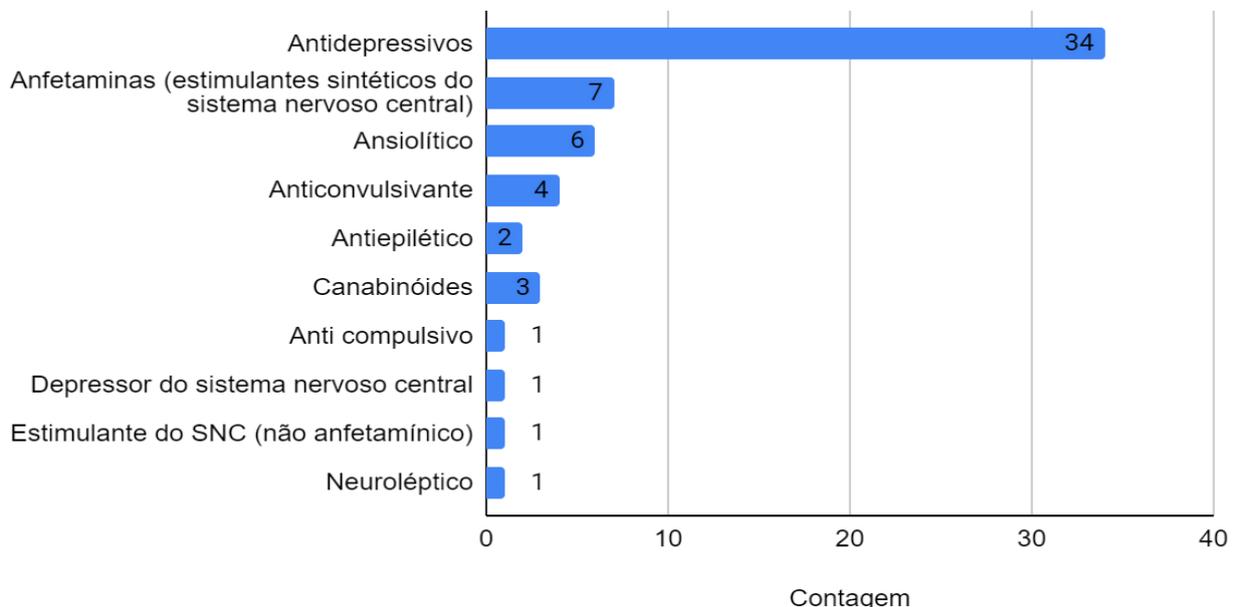
Participaram do estudo 100 estudantes, predominantemente do sexo feminino 77 (77%) enquanto 22 (22%) eram do sexo masculino. Quanto a variação da idade dos estudantes participantes da pesquisa foi de 18 a 62, tendo uma média de idades dos estudantes de 23,74 anos com desvio padrão de 5,77.

Dentro das variáveis estudadas a naturalidade dos participantes apresentou a maior variação de respostas com mais de 35 cidades citadas. Assis aparece como a cidade da maioria dos estudantes com 22 participantes, totalizando 22%. A questão sobre a cidade onde o participante reside teve resposta majoritária em Assis-SP. A respeito do estado civil, 91% das pessoas responderam que são solteiros, 8% casados, 1% divorciado e 0 viúvos. Quanto à religião, 60% dos participantes afirmam ser católicos, enquanto 14% não têm nenhuma religião, 8% são espíritas e 8% evangélicos.

Quanto à etapa ou semestre do curso que o participante está cursando no momento, a etapa que mais respondeu foi a 5ª etapa/semestre, com desvio padrão de 3. Entretanto, ao agrupar os resultados em anos, tem-se que do 1º ao 3º ano a quantidade de estudantes que faz uso de psicotrópicos foi de 48,4% enquanto 50,0% não faz uso (e 1,6% não respondeu). Enquanto do 4º ao 6º ano 38,9% fazem uso de psicotrópicos e 61,1% não.

Ao serem questionados se possuem filhos, 93% dos pesquisados disseram que não, enquanto 7% responderam que sim. Aos que possuem filhos foi questionada a quantidade. 5 participantes responderam ter 1 filho e 2 responderam ter 2 filhos. À questão sobre fazerem uso de algum tipo de psicotrópico, 55% dos pesquisados disseram que sim, contra 45% que disseram não fazer uso. Na questão sobre quais são os principais psicotrópicos usados pelos participantes as respostas foram quantificadas de tal forma, de acordo com o gráfico a seguir. Antidepressivos foram predominantes com 61,81%, seguido das anfetaminas com 12,72% e ansiolíticos com 10,90%.

**Gráfico 1** - Relação do principal tipo de psicotrópico consumido por estudantes participantes da pesquisa sobre Incidência de Psicotrópicos entre estudantes de medicina.



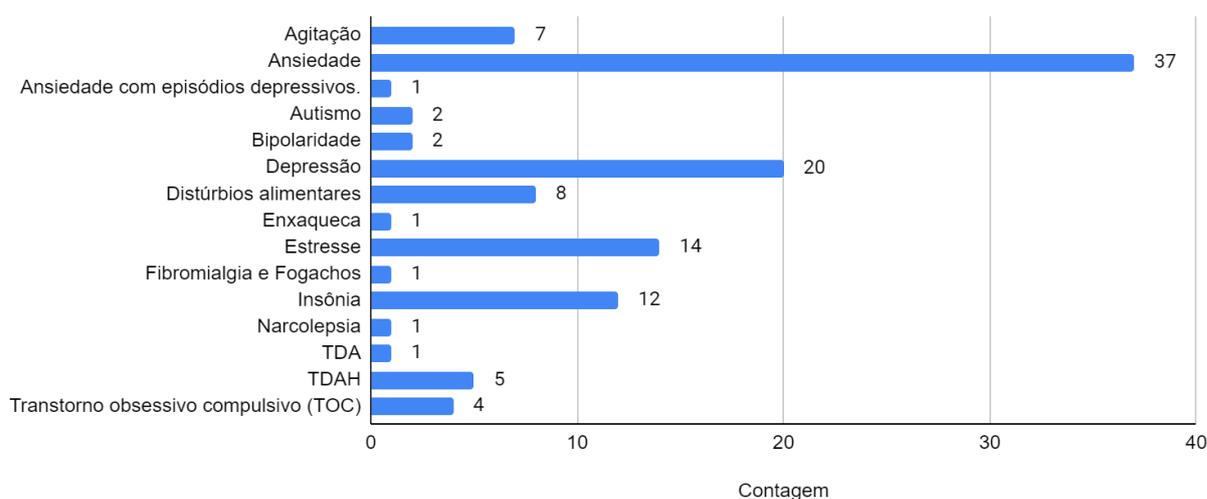
**Fonte:** Afonso GRM, et al., 2025.

Ao serem questionados se esses medicamentos em uso possuem prescrição médica 43 (95,6%) afirmaram que sim, enquanto 2 (4,4%) disseram que não. Na pergunta sobre há quanto tempo o participante faz uso desses medicamentos, 42,22% dos participantes, afirmou usar há um intervalo de 1-12 meses, enquanto 26,6% usam há um intervalo de 13-24 meses, 13,33% usam há 25-36 meses.

Quanto a indagação sobre a dose medicamentosa utilizada, os antidepressivos tiveram uma média de 50mg com desvio padrão de 170,29. Anfetaminas obtiveram uma média de 30 mg com desvio padrão de 21,93, enquanto ansiolíticos alcançaram a média 5,5mg com desvio padrão de 19,17. Já os anticonvulsivantes apresentaram média de 50mg com desvio padrão de 40,62 e os antiepiléticos uma média de 112,5 e desvio padrão de 53,03. Por fim, os canabinoides tiveram a média de 2g, os anticonvulsivantes de 50mg, depressores do sistema nervoso central e também 50 mg Neuroléptico de 25mg. Na questão sobre quais motivos levaram ao uso desses psicotrópicos, a maioria dos participantes respondeu ansiedade, 37 (31,89 %) seguido de depressão 20 (17,24%) e estresse 14 (12,06%).

**Gráfico 2** - Relação entre os motivos que levaram ao uso desses psicotrópicos pelos estudantes participantes da pesquisa sobre a Incidência de Psicotrópicos entre estudantes de medicina.

### Quais motivos levaram ao uso desses psicotrópicos-



**Fonte:** Afonso GRM, et al., 2025.

Ao serem questionados sobre se sentirem dependentes da medicação usada, 44,4% dos participantes responderam que não, enquanto 55,6% disseram que sim.

Na questão aberta sobre se o participante se sentia dependente da medicação e por quê, as respostas se dividiram em grupos que, com a privação do medicamento: sentem retorno dos sintomas, sentem-se mal, notaram sintomas físicos associados à emocionais, constatarem sintomas emocionais e outros

Retorno dos sintomas:

*P1: "Porque se eu a retirar, mesmo com psicoterapia, os sintomas retornam"*

*P2: "Quando paro de tomar, os sintomas voltam"*

*P3: "Sim, porque sem a medicação, os sintomas de ansiedade e déficit de atenção me atrapalham muito em várias tarefas comuns do cotidiano"*

*P4: "Sinto que meus sintomas aumentam sem ela"*

*P5: "Quando não tomo, os fatores de piora voltam como eram antes do uso do medicamento"*

*P6: "Sim, pois sei que sem ela volto a ter sintomas muito fortes de ansiedade e depressão. Com a medicação me sinto bem."*

Sentem-se mal:

*P7: “Não me sinto bem sem a medicação”*

*P8: “Sim pois se nao tomo me sinto mal”*

*P9: “Sim. Pois quando não uso fico mal”*

Sintomas físicos associados à emocionais:

*P10: “Percebo maior manifestação da ansiedade e também como se estivesse saindo do corpo/ tontura.”*

*P11: “Se eu fico sem toma-la me sinto mal, triste, com pensamentos desmotivadores, além de ter crises de choro, insegurança em todas as situações, estresse com qualquer ação mínima do outro e insônia.”*

*P12: “Sim. Tenho sintomas de ansiedade, agitação, parestesia e cefaleia quando fico 1 dia sem tomar”*

*P13: “Sim, pois os dias que esqueço de tomar a medicação me sinto irritada, com dor de cabeça, depressiva”*

Sintomas emocionais:

*P14: “Sem ela fico muito suscetível a crises”*

*P15: “Ficar sem a medicação me causa estresse”*

*P16: “Porque quando esqueço de tomar a medicação fico mais ansioso.”*

*P17: “Já tentei retirar a medicação e senti muita alteração. Não consigo ser uma pessoa normal sem elas. Faz muita falta no dia a dia.”*

*P18: “Consigo sentir diferença no modo de pensar e agir quando fico sem o medicamento”*

*P19: “Com elas tenho mais foco e consigo exercer minhas funções e manter relacionamentos sociais com mais facilidade e excelência”*

*P20: “Sem a medicação assumo um funcionamento que tende a mania e isso me incomoda muito”*

*P21: “A qualidade de vida que a medicação me proporciona me leva a acreditar que dependo dela pra me manter bem e estável”*

Outros:

*P22: “Passar 24h sem fazer uso é simplesmente inviável”*

*P23: “Não faço muito consumo dela”*

*P24: “Não dependente, mas a medicação auxilia nos problemas de saúde enfrentados”*

*P25: “Hábito”*

## DISCUSSÃO

O presente trabalho apresenta uma maioria de respondentes do sexo feminino (77%) com uma média de idade de 22 anos (desvio padrão de 5,77). A naturalidade dos participantes foi bastante diversa, sendo Assis a mais citada com 22%. A cidade também foi a maioria na questão sobre residência, tendo em vista que o curso analisado é presencial.

O estado civil dos respondentes foi predominantemente solteiro (91%). A religião prevalecente foi a católica (60%). A maioria das respostas foram de estudantes do 3º ano (5º semestre). Porém, do 1º ao 3º ano a quantidade de estudantes que faz uso de psicotrópicos foi de 48,4% enquanto 50,0% não faz uso (1,6% não respondeu). Enquanto que do 4º ao 6º ano 38,9% fazem uso de psicotrópicos e 61,1% não. A maior parte dos respondentes não possui filhos (93%).

55% dos pesquisados disseram que sim, fazem uso de psicotrópicos, contra 45% que disseram não fazer uso. Dos que responderam que sim, a classe de medicamentos dominante foram os antidepressivos com 61,81%, seguido das anfetaminas com 12,72% e os ansiolíticos com 10,90%. Sobre a prescrição médica, 95,6% afirmam possuí-la, enquanto 4,4% não. Quanto ao tempo de medicamento, a maioria dos respondentes diz fazer uso no intervalo de 1-12 meses (42,22%).

As doses medicamentosas informadas foram variadas, sendo a média da dosagem de antidepressivos de 50 mg com desvio padrão de 170,29, a de anfetaminas uma média de 30 mg com desvio padrão de 21,93, e os ansiolíticos alcançaram a média 5,5mg com desvio padrão de 19,17. De acordo com os participantes, o motivo que os levou ao uso desses psicotrópicos foi principalmente ansiedade (31,89%), seguida de depressão (17,24%) e estresse (12,06%).

Dentre os estudantes que fazem o uso desses psicotrópicos, é preponderante o sentimento de dependência da medicação (55,6%), e, ao serem questionados subjetivamente o motivo desse sentimento, a maioria das respostas foi referente a sintomas emocionais desencadeados pela falta da droga.

Esse estudo apresentou uma idade média de 22 anos (desvio padrão de 5,77) o que está abaixo do apresentado na literatura, tendo em vista que, de acordo com o Censo da Educação Superior de 2021, a média de idade de matrícula nacional em cursos superiores é de 25,7 e a de conclusão de curso na mesma modalidade tem média de 27,5. Quanto ao sexo, notou-se a predominância do sexo feminino (77%) o que está consoante à população universitária nacional em que verifica-se maior presença feminina nos cursos de medicina (61,0%) (INEP, 2023).

A relação entre a naturalidade mais citada ser Assis e a cidade ser ainda a residência atual dos estudantes demonstra diferença da literatura em que praticamente um terço dos estudantes de medicina estuda em unidade da Federação distinta do local de nascimento, contabilizando 27,3% em 2019 (SCHEFFER M, et al., 2023).

O estado civil dos respondentes foi predominantemente solteiro (91%). Esse valor foi similar ao encontrado no estudo realizado com estudantes de medicina da Unitpac no Tocantins em que 93,67% dos participantes são solteiros (ATAÍDE MM, et al. 2022). A maior parte dos participantes não possuem filhos (93%), um pouco abaixo do encontrado em outros estudos, como de um trabalho com estudantes de medicina de uma instituição privada de ensino de Minas Gerais cuja porcentagem de respondentes sem filhos foi de 98,79% nos dois primeiros anos do curso (ALVARENGA VC, et al., 2019).

A prevalência da religião católica (60%) está de acordo com outros estudos, como, por exemplo, uma pesquisa realizada em uma faculdade da rede privada de Juiz de Fora, em Minas Gerais, Brasil, que indicou a afiliação religiosa de seus acadêmicos como maioria católica com 46,07% (LEITE LC, et al., 2021).

A maioria das respostas foram de estudantes do 3º ano (5º semestre). Porém, de forma geral, do 1º ao 3º ano a quantidade de estudantes que faz uso de psicotrópicos foi de 48,4% enquanto 50,0% não faz uso (1,6% não respondeu). Enquanto que do 4º ao 6º ano 38,9% fazem uso de psicotrópicos e 61,1% não. Esse resultado complementa o resultado de outras pesquisas que indicam frequência mais elevada de sintomas de ansiedade nos alunos do primeiro ao terceiro ano do curso de Medicina (SACRAMENTO BO, et al., 2021). Nessa pesquisa, 55% dos pesquisados fazem uso de psicotrópicos e 45% afirmam não fazer uso. E, dos utilizados, a prevalência é de antidepressivos com 61,81%, seguido das anfetaminas com 12,72% e os ansiolíticos com 10,90%. Esse resultado é similar a de outros trabalhos como, por exemplo, um estudo com estudantes de medicina de uma universidade do noroeste do Paraná no qual, dos participantes, 46,87% já utilizaram antidepressivos (VELTER FILHO ML, et al., 2020).

Quanto às anfetaminas, o uso relatado pelos pesquisados se assemelha outros estudos como na pesquisa realizada com estudantes de Medicina da região metropolitana de Florianópolis, Santa Catarina em que o consumo de metilfenidato-da família das anfetaminas- durante a vida foi de 18,2% (HAAS G, et al., 2019). Quanto ao uso de ansiolíticos que obteve um valor de consumo de 10,90%, o dado é congruente com uma pesquisa realizada com estudantes de medicina da universidade federal de minas gerais em que esses medicamentos eram consumidos por 12% dos estudantes (PETROIANU A, et al., 2023).

Sobre a prescrição médica, 95,6% afirmam possuí-la, enquanto 4,4% não. Esse dado corrobora com a literatura, como no estudo realizado em uma Instituição de Ensino Superior em Maringá-PR entre maio e junho de 2024, em que a maioria (74%) apontou o médico como o responsável pelas orientações e prescrição (SILVA SA, et al., 2024).

Quanto ao tempo de medicamento, a maioria dos respondentes diz fazer uso no intervalo de 1-12 meses (42,22%). Esse intervalo difere da literatura. No estudo realizado no curso de medicina em outra universidade do estado de São Paulo, a média de tempo de uso dos medicamentos foi de 20 meses por estudantes do primeiro ano de curso e 29 meses por estudantes do sexto ano (LUNA IS, et al., 2018).

De acordo com os participantes, o motivo que os levou ao uso desses psicotrópicos foi principalmente ansiedade (31,89 %), seguida de depressão (17,24%) e estresse (12,06%). Essa informação está de acordo com outros estudos, como o estudo na universidade do noroeste do Paraná em que ansiedade e a depressão foram as principais causas de uso de medicamentos com 91,1% e 46,7% respectivamente (VELTER FILHO ML, et al., 2020).

Dentre os respondentes foi preponderante o sentimento de dependência da medicação (55,6%). Tendo em vista os medicamentos mais consumidos pelos participantes da pesquisa tem-se que, de acordo com o Manual de Psicofarmacologia Clínica os antidepressivos não apresentam o risco mais comum de dependência, enquanto as anfetaminas e os ansiolíticos apresentam risco de dependência (SCHATZBERG AF e DE BATTISTA C, 2017).

Os participantes que se sentem dependentes da medicação, ao serem questionados subjetivamente o motivo desse sentimento, a maioria das respostas foi referente a sintomas emocionais desencadeados pela falta da droga. Fava M, et al. (2019) explica que embora a descontinuação de antidepressivos possam causar desconforto, isso não é indicativo de dependência. Ainda, a *American Psychiatric Association* (2023) diz que usuários de ansiolíticos em abstinência têm mais chances de manifestar condições de ansiedade durante as síndromes de abstinência dessas substâncias. Já sobre as anfetaminas (como o metilfenidato), de acordo com *American Psychiatric Association* (2023), sua abstinência apresenta os mesmos sintomas dos transtornos relacionados a estimulantes, principalmente hipersonia, aumento do apetite e disforia, que podem ocorrer e intensificar a fissura pela droga.

## CONCLUSÃO

Este estudo traçou um perfil do uso de medicamentos psicotrópicos em uma faculdade de medicina. A pesquisa apresentou uma limitação que deve ser considerada ao interpretar os resultados. A amostra é limitada a 100 respostas, o que pode reduzir a generalização dos achados para populações diferentes. Estudos futuros que abordem essas limitações, incluindo maior número de participantes, são recomendados para explorar o tema de forma mais aprofundada. Constatou-se que a maior parte desses estudantes são do sexo feminino, com idade média de 22 anos, de naturalidade diversa e residência predominante na cidade de Assis. A maioria dos respondentes é solteira, de religião católica, e do 3º ano do curso (5º semestre). Dos participantes, a maior parte faz uso de psicotrópicos, principalmente antidepressivos, seguidos de anfetaminas e ansiolíticos. Desses consumidores, a maioria apresenta prescrição médica e diz fazer uso há um período no intervalo de 1 a 12 meses. Desses, os principais motivos que levaram ao uso foram ansiedade, depressão e estresse. Por fim, é predominante um sentimento de dependência da medicação com sintomas emocionais desencadeados pela falta do medicamento. Em conjunto, os dados

encontrados sugerem que os transtornos psiquiátricos estão presentes no meio universitário de medicina e é preciso que essa pauta seja levada em consideração. É necessário que as instituições de ensino disponibilizem programas que visem auxiliar e atentar a sinais de piora de saúde mental, já que esse fator pode ser prejudicial à formação humana/profissional do estudante.

## REFERÊNCIAS

1. ALVARENGA VC, et al. Perfil dos estudantes dos dois primeiros anos do Curso de Medicina de uma instituição privada de ensino de Minas Gerais. *Revista Saúde Dinâmica*, 2019; 1(1): 1–19.
2. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5-TR: Texto Revisado. [s.l.]: [s.n.]; [ano].
3. ATAÍDE MM, et al. Análise de prevalência e perfil dos acadêmicos de medicina do UNITPAC 2021/2 sobre o uso de antidepressivos e estabilizadores de humor. *Facit Business and Technology Journal*. 2022;1(35).
4. BARBOSA LNF, et al. Anxiety and depression and psychoactive substance abuse in university students. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*. 2020;16(1):1-8. doi: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.155334.
5. BRASIL. Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2021. Ministério da Educação; 2023.
6. BRITO E, et al. Licit and illicit substances use among Brazilian youth population: a cross-sectional, nationwide study. *International Journal of Epidemiology*. 2021. doi: 10.1093/ije/dyab168.096.
7. DA SILVA SA, et al. Uso de psicotrópicos por estudantes universitários da área da saúde de uma instituição de ensino superior. *Brazilian Journal of Health Review*. 2024.
8. GOMES-MEDEIRO D, et al. Drug policy and collective health: necessary dialogues. *Cadernos de Saúde Pública*. 2019;35(7):e00242618. doi: 10.1590/0102-311X00242618.
9. HAAS GM, et al. Sociodemographic, psychiatric, and personality correlates of non-prescribed use of amphetamine medications for academic performance among medical students. *Revista brasileira de psiquiatria*. 2019;41(4):363–4.
10. LEITE LC, et al. Influência da religiosidade sobre a saúde mental dos acadêmicos de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 2021;45(2).
11. LUNA IS, et al. Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo. *Periódico Colloquium Vitae*. 2018;10(1):22–8.
12. MAIDANA MS, et al. Prevalence and factors associated to the use of illicit drugs and psychotropic medications among Brazilian undergraduates. *Acta Scientiarum. Health Sciences*. 2020;42(1):e46774. doi: 10.4025/actascihealthsci.v42i1.46774.
13. NASSAR YL, et al. Uso de psicotrópicos entre os estudantes de medicina: um olhar na educação médica. *ID on line Revista de Psicologia*. 2020;14(49):671–6.
14. PETROIANU A, et al. Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. *Revista da Associação Médica Brasileira*. 2023;69(5):568–71.
15. RAMOS AT, et al. Uso indiscriminado de psicotrópicos por estudantes de medicina: uma revisão integrativa da literatura. *Brazilian Journal of Health Review*. 2024;7(5):e72615.
16. SACRAMENTO BO, et al. Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: estudo de prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 2021;45(1).
17. SCHEFFER M, et al. *Demografia Médica no Brasil 2023*. São Paulo: FMUSP, AMB; 2023. 344 p.
18. SCHATZBERG AF, DEBATTISTA C. *Manual de psicofarmacologia clínica*. 8th ed. São Paulo: Grupo A; 2017. 784 p.
19. TOLENTINO JEF, NETTO JPS. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. *Comunicação em Ciências da Saúde*. 2020;30(1).
20. VELTER FILHO ML, et al. Análise do uso de antidepressivos e psicoestimulantes e seus efeitos sobre acadêmicos de medicina de uma universidade da região noroeste do Paraná. In: Toledo MM, organizadora. *Ciências da Saúde [recurso eletrônico]: teoria e intervenção 1*. Ponta Grossa: Atena; 2020. p. 49–64.